

# TRANSFORMAR LÁGRIMAS EM SORRISOS: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS FEMINISTAS

Letícia Aparecida da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

A escrita deste trabalho tem o interesse de encontrar maneiras de ampliar as possibilidades de afirmação de mulheres em um ambiente escolar, mais especificamente na Educação Infantil. Seu objetivo é abordar as práticas pedagógicas feministas como possibilidades transformadoras para a educação infantil, por meio das problematizações das práticas realizadas no projeto Tenda Azul Frida Kahlo, realizado em uma escola pública da cidade de Lavras, na segunda etapa da Educação Infantil, com crianças de quatro a seis anos. Contando com relatos de experiências sobre práticas educativas decoloniais com perspectivas feministas mediante um referencial teórico que abarca, principalmente, pesquisas escritas por mulheres não ocidentais. A prática pedagógica apresentou a artista Frida Kahlo e, por meio de suas obras, buscou-se abrir espaços para que as crianças expressassem suas emoções e percepções corporais brincando, conhecessem uma referência de mulher latino-americana que escapa dos ideais de princesa e do padrão eurocêntrico de feminilidade. As práticas exploraram as artes, as brincadeiras e a expressão corporal, insistindo na pedagogia como o engajamento para o entusiasmo e para criação de espaços para os saberes das crianças.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras. E-mail: leticia88.silva@hotmail.com

**Palavras-chave:** educação infantil; pedagogia; feminismos; resistência; arte

## **Introdução**

Sabendo da existência das inúmeras formas de ser mulher e entendendo a ação de se afirmar mulher como uma resistência à norma que atinge a todos os corpos em sociedade, a qual, assim como faz com os homens, estabelece uma forma única de ser para uma multiplicidade de corpos mulheres, interessa-se por encontrar maneiras de ampliar as possibilidades de afirmação das mulheres em um ambiente escolar, mais especificamente na Educação Infantil. Não se pretende, neste trabalho, dar conta da infinita variabilidade que o ato de se afirmar mulher encontra no tecido social, mas, antes, investigar possibilidades de afirmação das mulheres nas escolas a partir de práticas educativas feministas.

Concordando com a filósofa feminista argentina María Lugones (2014), a instituição de um sistema de gênero em países colonizados - como é o caso do Brasil - estabeleceu uma norma na qual as categorias de gênero foram organizadas a partir da imagem do homem, branco, heterossexual, cisgênero e cristão e todas as práticas e organizações institucionais que organizam o tecido social são procedimentos de sofisticação de formas de governo que reproduzem esta imagem como referência. A partir disso, María Lugones (2014) demonstra que a criação do sujeito mulher ocorre em referência à categoria homem, o que a torna um sujeito dependente e a serviço dele, ou pelo menos é o que a imagem universalizante pretende. É importante afirmar que o sujeito mulher é específico, mas criado para se tornar geral: a criação do sujeito mulher em referência ao homem é um mecanismo de limitação das ações das mulheres enquanto sujeitos sociais. Assim, a mulher colonial é a mulher branca, heterossexual, cisgênera, monogâmica e cristã, todas as outras formas de ser mulher aparecem como processos de desumanização.

Os processos de desumanização permitiram ao colonizador enxergar nos corpos colonizados o outro a ser civilizado, embranquecido, sexualizado, generificado e estes processos aconteciam por intermédio das missões civilizatórias, as quais pretendiam instaurar um conflito oposicionista e desigual em cada corpo colonizado para que ele mesmo se

tornasse uma busca pela normalização. Um corpo mulher existe em vulnerabilidade e diariamente busca maneiras de não ser violentado e é esse corpo que percorre cada parte deste trabalho, o qual propõe reflexões sobre a urgência de se considerar as práticas pedagógicas com perspectivas feministas nas escolas como contribuições e intervenções nas violências de gênero que encontram-se presentes, também, na escola.

A manutenção das mulheres como minorias segue a premissa da desumanização colonial: redução ativa da humanidade para a abertura do corpo às classificações necessárias à socialização (LUGONES, 2014). E a sofisticação das técnicas de categorização encontra novas formas para ocorrer: a vulnerabilização dos corpos das mulheres significa aberturas para que sejam violentadas, definidas como inferiores e incapazes de qualquer produção que não seja o serviço doméstico, mantidas em um processo de comparação desigual ao homem. Procedimentos são sofisticados a fim de manter a desumanização dos corpos de mulheres mesmo em um regime de poder nomeado como Democracia, mas mantendo as formas das colonizações.

Segundo o projeto Gênero e Número<sup>2</sup>, apoiado pela Alianza Latinoamericana<sup>3</sup>, mulheres são 67% das vítimas de agressão física no Brasil. O site ainda aponta outros números, levantados no ano de 2017, os quais registram 12.112 casos de violência contra pessoas trans e 257.764 casos de violência contra pessoas da comunidade LGBT+<sup>4</sup> no país. Foi no mesmo ano que, no Distrito Federal, o índice de agressão física contra mulheres chegou a 75%, o que significa 4.558 feminicídios no Brasil no ano de 2017. Apresentando dados mais recentes, o Grupo Gay da Bahia (GGB)<sup>5</sup> registrou a ocorrência de 329 mortes violentas de pessoas LGBT+ em 2019. O constante aumento no número de violências contra pessoas não homens, não brancas, não heterossexuais e não cisgêneras no Brasil contribuem para a manutenção de um regime de poder com fortes traços coloniais e, por isso, racista, patriarcal, sexista, machista e lgbtfóbico. Como aponta a filósofa estadunidense Judith Butler (2018), a manutenção de uma norma depende da criação do seu entorno, utilizando-se da

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.generonumero.media/> Acessado em: 20/07/2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.ailnews.tv/> Acessado em: 20/07/2020.

<sup>4</sup> A sigla LGBT+ é aqui utilizada para referenciar-se ao movimento social organizado pelos corpos dissidentes da norma sexual e de gênero vigente. Dessa forma, a representação política da sigla não pretende encerrar os corpos em definições fixas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Bissexuais, mas marcar a existência de outras formas de viver o gênero e a sexualidade, com suas histórias e lutas e resistências. Para tentar dar conta da multiplicidade existente nas manifestações do gênero e da sexualidade nos corpos, utiliza-se o símbolo + de modo a representar a abertura constante para a mudança e transformação do movimento e da sociedade.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/> Acessado em: 20/07/2020.

negação de todos os outros corpos que não possuem o direito de fazer parte do “nós”, mais específico do que geral, que mantém protegida uma seleção muito pequena de corpos humanos homens, brancos, heterossexuais, cisgêneros e cristãos.

Manter uma margem é fundamental para a existência de um centro de poder, visto que a ele cabe apenas a desumanização e classificação constante daqueles corpos que são criados para não serem centrais. É imprescindível apontar que os corpos que mais sofrem estas violências são os de mulheres negras, travestis, transexuais e lésbicas. As combinações opressivas precisam ser citadas pois, para essas mulheres, as situações de marginalidade são impostas de maneira ainda mais acentuada, são corpos violentados, negados e muitas vezes impedidos de existir. Entretanto, concordando com Judith Butler, mesmo que as normas do gênero e da sexualidade antecedam e produzam os corpos, sua representação encontra falhas na reprodução, demonstrando a existência de fraquezas na norma, brechas pelas quais os corpos escapam e afirmam-se como corpos possíveis de serem vistos, vividos, experimentados, criados, corpos políticos que resistem aos efeitos da norma que os desumaniza e classifica.

Falhas que também são encontradas nas tentativas de manutenção de um sistema colonial que busca manter a imagem generalizante de “as mulheres” como um todo homogeneizado do qual não se possa perceber a diversidade de maneiras de ser mulher, suas lutas constantes e organizadas contra as práticas e governos e culturas coloniais. Concordando com Oyèrónké Oyěwùmí, mulher negra, pesquisadora e feminista nigeriana, a categoria generalizante “mulher” deve-se à universalização da categoria gênero, criada para categorizar o sujeito mulher branca, em oposição ao homem branco. Assim, o próprio termo não consegue dar conta das experiências de vida, que são “questões públicas constituídas pela desigualdade de gênero da estrutura social” (OYĚWÙMÍ, 2002, p. 2), excluindo da experiência pretensamente universal chamada de Feminismo as vidas e lutas de mulheres não ocidentais, não brancas, não cisgêneras, não organizadas na estrutura familiar heterossexual. Um termo generalizante não dá conta das experiências da vida, das resistências de corpos para afirmarem-se nas suas feminilidades e produzirem suas narrativas, contando suas inúmeras histórias de lutas e conquistas de direitos.

É necessário considerar os avanços em questões de direitos, o movimento Sufragista, por exemplo, que garantiu, no ano de 1927, o direito ao alistamento eleitoral feminino, proporcionando, a partir de muitas lutas, que as mulheres cisgêneras e brancas tivessem

também o direito de votar e serem elegíveis. A lei Maria da Penha, sancionada no governo Lula, em 2006, que trata sobre mecanismos para coibir a violência doméstica contra mulheres. O nome veio de Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que lutou pela condenação do marido que a agrediu por vinte e três anos, com tentativas de homicídios que a deixaram paraplégica. É também importante ressaltar que a afirmação de perspectivas feministas para a educação é um exercício constante, principalmente quando falamos de educação e crianças. O objetivo deste trabalho é abordar as práticas pedagógicas feministas como possibilidades transformadoras para a educação infantil, por meio das problematizações das práticas realizadas no projeto Tenda Azul Frida Kahlo.

Considerando essas realidades e acreditando no processo transformador que uma prática pedagógica feminista possibilita, o projeto “Tenda Azul Frida Kahlo” foi desenvolvido em uma Escola Municipal (EM) junto com crianças da segunda etapa da educação infantil, que compreende a faixa etária de quatro a seis anos. O projeto foi inspirado em Magdalena Carmen Frida Kahlo, mulher latino-americana e bissexual, nascida no ano de 1907 em Coyoacán, uma demarcação territorial localizada na área central da cidade do México. A artista que fez de suas dores motivos para produzir, fortalecer-se e lutar por direitos e liberdade, foi quem, frente às dificuldades físicas impostas por um acidente sofrido, elaborou a seguinte frase: "Piés para qué los quiero si tengo alas pa' volar" (Kahlo, 1953). Diante dessas inspirações foi criado um espaço para problematizar e desenvolver questões relativas a gênero e sexualidade na escola, construindo uma prática pedagógica com perspectivas feministas em um espaço fora da sala de aula, o que possibilitou momentos que podem ser apresentados como assembleias.

Assembleias é um conceito apresentado por Judith Butler (2018) ao investigar as resistências dos corpos vulnerabilizados frente a uma política da exclusão, para ela a ação de corpos se unirem para reivindicarem o direito de existir e insistirem na criação de uma vida possível de ser vivida é uma assembleia. Para a filósofa, a aglutinação desses corpos em espaços públicos, em manifestações, em reuniões virtuais e em outros espaços possíveis e criados, ocorre no espaço entre estes mesmos corpos. É no espaço entre os corpos que são encontradas as interdependências que os conectam, que os compõem uns com os outros para deslocarem o sentido das opressões sofridas e, ao invés de realizarem um jogo de oposição, no qual o fracasso é garantido pela diferenciação desigual dos corpos em sociedade, afirmam-se

enquanto corpos que querem viver, que produzem vidas, que reivindicam equalização dos direitos ainda disponíveis para os poucos da maioria.

Durante toda elaboração do projeto, pensou-se e experimentou-se um espaço seguro para atender demandas de corpos de crianças que gritam pelo direito de aparecer, de movimentar e expressar suas inquietações diárias, silenciadas pelas cadeiras engessadoras da sala de aula. Assim toda expressão de Frida orientou e inspirou esse processo de construção visando um projeto que considerasse cada corpo e suas demandas de movimento e sentimentos, acreditando que falar sobre gênero e sexualidade na escola possibilita um diálogo questionador das violências de gênero e sexuais ainda cotidianas. O contato com a imagem e a história da artista Frida Kahlo fez com que uma das crianças, uma menina de quatro anos, elaborasse, inesperada e emocionantemente, uma fala sobre a artista: “Então ela transformava lágrimas em sorrisos.” Essa frase repleta de significados e todo protagonismo das crianças impulsionam essa escrita, a qual percorre o projeto “Tenda Azul Frida Kahlo” da elaboração à apresentação, priorizando as crianças e suas vivências com as questões de gênero e sexualidade na educação infantil.

Estando envolvida com o projeto e decidida a investigar seu acontecimento por meio da perspectiva de uma educação feminista para crianças da Educação Infantil, minha história e os atravessamentos que me compuseram com a vontade de me afirmar como uma mulher lésbica e professora também comporão a escrita deste trabalho. As autoras María Lugones, Judith Butler, bell hooks, Guacira Lopes, Oyèrónké Oyèwùmí e outras inspirações atravessarão a escrita como contribuições para a trajetória teórica necessária aqui. O trabalho de investigação de práticas educativas feministas na Educação Infantil a partir do projeto “Tenda Azul Frida Kahlo” é apresentado aqui como a abertura de possibilidades para se pensar formas de inserção de perspectivas feministas na educação para crianças, bem como uma possibilidade de afirmação de formas de vida que não sejam necessariamente dependentes da norma da exclusão que ainda produz corpos nas escolas.

### **Educação infantil no Brasil: uma luta feminista**

O direito à creche e educação infantil no Brasil é fruto da luta de mulheres, foram feministas que organizaram, no ano de 1997, o Primeiro Congresso Paulista da Mulher e

criaram a partir dele o Movimento de Luta por Creche. Maria Amélia de Almeida Teles, mulher feminista e uma das fundadoras do movimento, que tem início ainda no período da ditadura militar no Brasil, que ocorreu no período de 1964 até 1985, foi perseguida e torturada por liderar um movimento que teve como objetivo central a criação de creches públicas e gratuitas para crianças de 0 a 6 anos nos bairros e locais de trabalho para que, assim, outras mulheres tivessem autonomia para trabalhar e exercer outras funções sociais.

A creche não só libera a força de trabalho feminino, mas facilita condições para o acesso à autonomia das mulheres. Pode também contribuir para enfrentar as desigualdades sociais nas relações de gênero, sendo uma das questões cruciais o sexismo. A creche deve desenvolver uma educação não sexista e não racista. A creche é uma maneira concreta de enfrentar a desigual divisão sexual do trabalho, fator determinante para se manter a discriminação, subjugação e exploração das mulheres. (TELES, 2015, p 29)

Foi durante a participação em um congresso na Faculdade de Educação da Usp<sup>6</sup> que tive a oportunidade de conhecer Amelinha Teles e parte dessa história que marcou a luta por creche no Brasil. Conversas que emergiram desse momento contribuíram para pensar em como é importante que para além de um direito que ofereça condições para enfrentar a desigualdade sexual do trabalho, a creche deve desenvolver uma educação não racista e não sexista, essa foi também uma das pautas da luta feminista brasileira: que as creches não fossem desimportantes lugares para guardar crianças enquanto suas mães pudessem trabalhar, mas que estivessem preparadas para proporcionar um processo educacional comprometido com uma educação política social. Desse modo, o direito à creche passa a ser também um direito da criança e começa a ganhar condição de política pública. É importante mencionar parte dessa história para ampliar o entendimento de que o feminismo não precisa ser inserido na educação infantil, o feminismo é a própria construção do direito público de educação de crianças pequenas. Desde o princípio de sua existência no Brasil, a educação infantil acontece como resistência, um processo descolonizador que busca oferecer a mulheres que são mães a oportunidade de emancipação, se tornando uma política pública de fortalecimento da sociedade.

---

<sup>6</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, VIII Copedi – Congresso Paulista de Educação Infantil, III Simpósio Internacional de Educação Infantil - 19 de abril de 2019. Minicurso: Creche e Feminismo, ministrado por Amelinha Teles (Ativista Feminista).

Sabendo que os processos de transformações são exercícios diários e que a transformação de mundo depende de pequenas ações, entende-se a educação como ensejo para refletir sobre essas e outras realidades cotidianas, é necessário possibilitar que os espaços escolares sejam para vivências que problematizem a sociedade. Assumir uma prática educativa feminista é considerar todo processo de construção do direito a uma educação infantil que ultrapasse a vinculação das feminilidades presentes nas instituições de ensino apenas ao ato de cuidar de crianças pequenas.

## **Frida vem ao mundo e ao nosso mundo também**

Decidi apresentar a artista Frida Kahlo assim como ela foi apresentada para as crianças, utilizando das palavras do autor Jonah Winter e da artista ilustradora Ana Juan, os quais lançaram, no ano de 2002, um belíssimo livro infantil pela editora Scholastic, com o título: “Frida”. O livro, escrito em inglês e traduzido para espanhol foi lido para as crianças no início do projeto, sendo traduzido para língua portuguesa e exibindo suas belíssimas ilustrações.

Frida

Por Jonah Winter, ilustrado por Ana Juan

Frida viene al mundo, para la pequeña Frida, el mundo es México. Su casa es azul. Está em el pueblo de Coyoacán. El papá de Frida es pintor y fotógrafo. Él le enseña a usar el pincel. La mamá de Frida tiene que cuidate a sus seis hijas, com frecuencia se siente cansada. Aunque tiene hermanas, muchas veces Frida se siente sola. Frida tiene una amiga imaginaria que también se llama Frida. Juegan juntas. Un día, Frida se enferma e tiene que guardar cama durante meses. Algo le pasa a una de sus piernas. Ni siquiera su amiga imaginaria la puede alegrarse. Durante este tiempo, Frida aprende a dibujar por si misma. Cuando dibuja no se siente triste. Cuando se recupera, quiere ser artista. Pinta pequeños cuadros que son copias de otros cuadros. El papá de Frida se dedica a colorear fotografías y le enseña a Frida cómo hacerlo. Frida también pinta lo que ve a través del microscopio. Le encanta verlo todo muy de cerca. Frida estudia ciencias em el colegio, pero se aburrece. Las clases le resultan muy fáciles. Un día, al regresar a casa em el autobús ocurre un horrible accidente, un tranvia choca contra el autobús y Frida casi se muere. En el hospital, dibujar es lo que la ahorra un vez más. Dibujar es como tener una amiga imaginaria. Está presente cada vez que ella quiere, le hace compañía y le da fuerzas para no perder la esperanza. Después del accidente, la vida no es igual para Frida. Camina com un bastón, cuando puede hacerlo. Siempre siente dolores em todo el cuerpo. Pero Frida no

se queja ni llora, em lugar de llorar, se dibuja llorando. Cuando no se puede levantar, pinta em la cama, cuando le enyesan el torso, pinta em el yeso. Nada puede hacer que Frida deje de pintar. Como está tanto tiempo sola em casa, tiene que usar su imaginación. Pinta lo que ven sus ojos y lo que siente su corazón. Es casi como colorear fotografías. Pinta pequeñas escenas mágicas com una explicación escrita. En México es común ver esta clase de dibujos. A veces, representan escenas de accidentes com ángeles que vienen al rescate. Son como oraciones por las personas enfermas y com problemas. Se llaman exvotos. Frida pinta exvotos com su propia imagen cuando está enferma o cuando siente dolor. Frida no imita el estilo de nadie. Sus pinturas son únicas. En los museos, cuando las personas ven sus cuadros, se echan a llorar, suspiran o sonrín. Y es que Frida convierte su dolor em algo maravilloso.

¡Viva Frida!

¡Viva Frida, siempre! (WINTER, 2002)

Frida morreu em julho de 1954 em Coyoacán, cidade onde nasceu. Uma mulher latino-americana e bissexual que desafiou os estereótipos de gênero, pintou o feminino e suas experiências reais, experimentou muito sofrimento ao longo da vida, mas sempre desafiando seu destino como uma vítima. Abraçou sua estranheza, quebrando regras, realizando um trabalho diferente de qualquer outro. Uma mulher latino-americana com um olhar desafiador e feroz que inspira tantas outras mulheres pelo mundo com seu legado de que a dor é uma parte intrínseca da vida, mas não a define.

Frida Kahlo foi uma escolha para proporcionar que as crianças pudessem conhecer e se inspirar em uma mulher latino-americana, não branca, que contraria os ideais de princesa e feminilidade eurocêntricos. Essa escolha vem do anseio de considerar o despertar de problematizações e vivências pedagógicas que considerem a realidade das crianças como prefácio. Uma figura que se assemelha (cor da pele, cabelo, traços latino-americanos) com as pessoas que fazem parte das vivências cotidianas das crianças e possibilita um processo de descolonização.

Abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebrou um ensino que permita as transgressões, um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática da liberdade. (HOOKS, 2013, p. 24)

A educação como prática de liberdade é uma maneira de ensinar a partir das realidades de mundos, assim como afirma Beel Hooks (2013) por meio do conceito de Pedagogia Engajada, com o qual relaciona também a educação como prática de liberdade de Paulo Freire (1967). Entendo o papel de professora como mediadora de uma educação na qual todas as

peças possam produzir conhecimentos e transformá-los, uma filosofia de Freire (1967) na práxis: agir e refletir sobre o mundo a fim de modificá-lo. Neste aspecto, Frida foi escolhida para que, além dos livros e materiais didáticos, o conhecimento também fosse apresentado pelas crianças, provocando pensamentos sobre como elas vivem o mundo e podem relacionar a artista mexicana com as pessoas que fazem parte de suas vidas.

Viva Frida!

Vivam as inúmeras formas de ser mulher!

### **O projeto Tenda Azul Frida Kahlo**

Todos os estudos e a oportunidade de trabalhar com crianças da segunda etapa de educação infantil, direcionou-nos a pensar em uma prática que pudesse contemplar o que acreditamos: práticas educativas com perspectivas feministas para problematizar as violências de gênero. Refiro-me a nós por se tratar de um projeto desenvolvido dentro de um Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: Pibid Pedagogia Gênero e Sexualidade<sup>7</sup>. O projeto foi pensado e desenvolvido conjuntamente entre Lays Nogueira, Marcela Leal e eu, três mulheres responsáveis por cada fragmento, considerando nossas vivências, nossos corpos, os espaços em que iríamos desenvolvê-lo e, principalmente, o envolvimento dos corpos das crianças com as quais nos encontramos na escola.

Entendo que foi fundamental escolher a artista Frida Kahlo para impulsionar e inspirar essa prática educativa e proporcionar que as crianças pudessem conhecer uma figura real, diferente das personagens que as cercam no cotidiano, uma mulher latino-americana. No decorrer deste trabalho abordarei, mais especificamente, as práticas e vivências inspiradas por Frida. Agora, penso ser importante descrever como a estrutura física do projeto Tenda Azul Frida Kahlo foi pensada e desenvolvida.

Concordando com bell hooks (2013), a qual afirma que a pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do estudante, foi considerada a necessidade de construir um espaço fora da sala de aula e suas limitações, com o intuito que esse pudesse ser um

---

<sup>7</sup> Programa da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – que, assim como muitos outros tão importantes quanto, foi interrompido oficialmente em fevereiro de 2018, tendo suas bolsas e atividades encerradas como parte de um projeto de desmonte das Universidades públicas que vem acontecendo desde o Golpe de 2016 no Brasil.

espaço democrático onde todas encontrassem a responsabilidade de contribuir, objetivo central da pedagogia engajada: entender a educação como prática de liberdade. Um espaço fora da sala de aulas, construído com a participação e entusiasmo das crianças seria uma estratégia pedagógica que envolveria todas as pessoas no processo de aprender e ensinar. Por isso, fomos até a escola para investigar e negociar algum espaço físico onde pudéssemos montar uma estrutura que levaria o nome de “Tenda Azul Frida Kahlo”. Conseguimos negociar, entre brechas necessárias para movimentos não tradicionais dentro de um espaço escolar, metade de uma sala, a qual era utilizada para aulas de reforço escolar por outra professora. Desejávamos um espaço maior, com maiores possibilidades de movimentos para as crianças, mas foi nessa “meia sala” de aulas que construímos uma tenda para entrar com pés descalços, sentar-se e desenhar no chão. O chão foi todo forrado com papel *kraft* para que pudesse ser pintado, não haviam mesas nem cadeiras, o espaço foi composto por tecidos, tapetes sensoriais, materiais para colorir e pintar, massinhas de modelar, adereços para fantasias, fitas de cetim, cantinho da leitura onde haviam diversos livros infantis sobre a temática de gênero e sexualidade, varal para expor as obras produzidas pelas crianças que aos poucos deram vida e muita cor para cada canto daquela meia sala que antes era cinza.

Dos artefatos que ocupavam esse espaço, alguns deles foram essenciais para problematizações que envolviam arte, gênero e sexualidade: os dois espelhos, um em cada lado do espaço, e as tantas obras de Frida, coladas em todas as paredes. É importante registrar que todo esse espaço foi construído coletivamente, não havia verba para compra de materiais, tudo o que conseguimos foi através de doações e alguns materiais que já existiam no Pibid. Os espelhos foram emprestados, os artefatos para fantasias foram doações de diversos materiais com infinitas possibilidades de transformação. De acordo com Vygotsky (1982), ao criar situações favoráveis à autonomia, garantimos um espaço para o confronto de visões, de opiniões, discussões abertas, debates, livre reflexão e de reorganização dos saberes, era isso que buscávamos.

A construção desse espaço foi cuidadosamente pensada e estudada para oferecer práticas educativas que valorizassem a expressão das crianças, uma pedagogia engajada com a prática da liberdade em harmonia com bell hooks (2013), que desenvolveu uma prática educativa anticolonialista que fala sobre a importância de que o processo educativo seja crítico e feminista, questionando os sistemas de dominação presentes no que, a seu ver, se expressam no racismo, sexismo e na desigualdade entre classes. Quando a educação é a

prática da liberdade, as crianças não são as únicas chamadas a partilhar, a pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar discentes, mas também uma oportunidade de crescimento para quem educa.

## **Experimentações em liberdade**

Venho aprendendo sobre liberdade e suas diversas formas já faz algum tempo, essa palavra sempre me despertou uma ânsia de ser mais, de aprender mais. O dicionário me diz que a palavra liberdade tem como significado a “condição do ser que pode agir consoante as leis da sua natureza ou a capacidade própria do ser humano de escolher de forma autônoma, segundo motivos definidos pela sua consciência” (Aurélio, 2014). Ele ainda fala sobre livre arbítrio e até mesmo da palavra franqueza. Durante essa longa busca pelo significado da tal liberdade, encontrei outras tantas palavras, mas em momento algum ela foi relacionada com a palavra ilusão.

Talvez experimentar ter asas e voar possa ser um tipo de liberdade plena, mas sobre essa liberdade eu não tenho propriedade para falar. Ainda que eu pudesse construir uma asa resistente para experimentar, hora ou outra eu teria que pousar e continuar uma vida humana, sem asas. Pousaria com a sensação de liberdade entalada na garganta, mas jamais vivenciada plenamente. De fato, não me esqueceria do vento tocando meu cabelo e menos ainda dele batendo bem de frente no meu rosto, proporcionando-me a sensação de ser livre. Ainda que eu possa viver muitos anos, se conseguir um dia passar por essa experiência de voar, não me esqueceria nunca. Faria questão de fechar os olhos e lembrar da sensação de liberdade, mas só me restaria a sensação, rápida e pouco vivida. Depois voltaria à ilusão humana de ser livre. Vivo em uma Democracia que não me deixa ser livre e aqui cabe novamente a relação com a tal ilusão. Eu sei que tempos piores já foram vividos por outras pessoas e que em tantos outros lugares do mundo ainda são, mas até pensar assim me faz pensar que isso tudo não passa de negociações de liberdade.

Tem mais uma coisa que o dicionário definiu: liberdade é um substantivo feminino. Eu também sou feminina, assim como a liberdade, mas isso só me distancia ainda mais dela. É por ser feminina que as negociações de liberdade se tornam ainda mais árduas, é por ser feminina que as violências me alcançam mais rápido. Para tantas outras femininas a ideia de liberdade também é vendida cotidianamente, mas cobrada de uma maneira horrível.

Eu, feminina, vivendo nesse mundo sem asas, vida de humana, não acredito que um dia alcançarei a liberdade. Sigo negociando momentos de liberdade, posso dizer que a sensação de ser livre é maravilhosa, vivo-a como um grande delírio. Nunca terei propriedade para falar da verdadeira liberdade de um bicho que pode voar. Escrevi esse texto há exatos quatro anos, quando comecei meu processo de formação em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras. Aprendi muito sobre experimentações de liberdade durante esse tempo, por esse motivo um texto antigo faz parte da escrita desse trabalho, foi nesse espaço, na Universidade Federal de Lavras, que aprendi ainda mais sobre a não liberdade. Em um espaço que se diz pertencente a filhos homens de senhores de engenho, um corpo feminino e lésbico tem lá suas dificuldades de aparecer, assim como tantos outros corpos de mulheres, corpos pretos e corpos LGBTQ+, alguns corpos que representam essas siglas nunca sequer pisaram naquele gramado muito bem podado. E é para marcar minimamente o meu aparecimento como uma dessas pessoas que falo sobre a importância de entender que a liberdade é criada para destinar corpos a uma busca desigual, desonesta. Neste meu corpo, aprendi a urgência de encarar a liberdade como um exercício diário para ocupar e afirmar que eu existo, quero viver e vivo, ainda que minha existência incomode, estou na universidade e falando por mim mesma. Busco também abrir espaços para que se possa afirmar bem alto palavras em assembleias para que tantos outros corpos possam continuar existindo e, melhor que isso, que tenham o direito de aparecer, um conceito de Judith Butler (2018) que vou usar para permear os diversos caminhos que ainda percorrerei.

A leitura de Butler (2018) abriu-me espaço para pensar no projeto Tenda Azul Frida Kahlo como experimentações de liberdade, todo espaço foi pensado para possibilitar que as relações fossem dinâmicas, disruptivas, principalmente no espaço físico que era fora da sala de aula, sem carteiras nem cadeiras, sentávamo-nos todas no chão, crianças e educadoras, em um processo de descolonização do saber, não se tratava de aulas expositivas, mas de atividades que todas as pessoas presentes realizavam juntas, experimentando e compartilhado sentimentos individuais que eram compartilhados coletivamente. Abrir espaços para as

rupturas necessárias aos exercícios de liberdade na escola passa por liberar corpos-crianças para o exercício do pensamento, da criação, da provocação como atos performativos que criam novas realidades, novos possíveis, pois “[...] a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (BUTLER, 2018, p.35). Essa foi a principal contribuição de Frida, inspirar, a partir de suas obras, que pudéssemos conversar sobre sentimentos, relacionando-os com acontecimentos cotidianos e problematizando questões de gênero e sexualidade com crianças de quatro a seis anos. Fizemos tudo isso brincando.

No espaço da tenda as crianças faziam barulho, muito barulho, entravam descalças, vestiam fantasias que elas mesmas criavam, liam, pintavam, tocavam instrumentos musicais, colocavam suas obras de arte em exposição e conversavam bastante sobre sentimentos, afirmando em todos os aspectos a existência dos seus corpos, que eles ocupavam os espaços da escola e, ainda que por algumas vezes em silêncio, resultavam em representações plurais efetivas.

Na verdade, temos que repensar o ato de fala para entender o que é feito e o que é realizado por determinados tipos de representações corporais: os corpos reunidos “dizem” não somos descartáveis, mesmo quando permanecem em silêncio. (BUTLER, 2018, p.24)

Pensando nessas experimentações, ainda com aporte de Butler (2018), direciono esses encontros pedagógicos como momentos de corpos em assembleias, o pequeno espaço da Tenda Azul possibilitou afirmar que aquele grupo de crianças existia e gritava bem forte por seu direito de aparecer: “[...] o que vemos quando os corpos se reúnem é o exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis” (BUTLER, 2018, p.31). Reunidas em assembleias, aprendemos juntas, as crianças e eu, a gritar pelo direito de aparecer, ainda que esse barulho todo tenha incomodado aqueles que julgavam toda aquela experimentação de liberdade como falta de disciplina. Nossas atividades, envolvendo músicas, maquiagens, fantasias e muito movimento, caminhavam para além dos valores e condutas pautadas pela lógica binária do sexo e do gênero e toda padronização que a escola, como local de normalização social, impõe para os corpos. A proposta era construir atividades que pudessem considerar todos os saberes, experimentar novas sensações, direcionando os olhares à escola e aos sujeitos que a

constituem e são constituídos por ela, situando-os no tempo e no espaço, compreendendo-os enquanto partes de um todo, escapando de um método de reproduções de normas punitivistas.

## **Quem disse?**

Em uma sociedade adultocêntrica onde quem dita os saberes são homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais, não se diz muito sobre o que as crianças são capazes e ensinam todos os dias.

As crianças carregam sobre si a carga colonial do adultocentrismo, estabelecida pelas hierarquias capitalistas pautadas na exploração do sujeito por meio de relações de poder. O adultocentrismo, assim como os demais sistemas hierárquicos de distribuição de poder, contribui para a reprodução da desigualdade e do preconceito, e colabora para manter a ordem vigente. Trata-se de uma construção que transforma diferenças em desigualdade. Para a sociedade centrada do adulto, a criança não é. Ela é um vir a ser. Sua individualidade deixa de existir. Ela é potencialmente a promessa. (ROSEMBERG, 1976, p.1467).

Quem foi que disse que criança não ensina? A criança devora o mundo com seus movimentos, seus olhares, seus questionamentos, para Souza (2016), as crianças são produtoras de culturas e o que interessa, de fato, é o que as crianças são agora e não o que elas serão no futuro. Por esse motivo, acolher as crianças enquanto sujeitos é papel da Educação Infantil. Diante dessas considerações, é urgente ouvir e assistir o que uma criança tem para ensinar, não dá para falar sobre crianças sem que se fale junto com as crianças e, para isso, é preciso alcançá-las, não é possível ouvir o que uma criança tem a dizer do alto de um corpo adulto, agachar e olhar nos olhos é fundamental para a aproximação; oferecer materiais que estejam ao alcance de seus corpos é também uma maneira de possibilitar que essas crianças sejam produtoras de saberes, que possam criar e ensinar, assim como aprender.

A escola, como peça da engrenagem social, é a instituição destinada à educação formal dos sujeitos, responsável tanto pelo desenvolvimento cognitivo quanto pela formação humana. Ela envolve, em suas ações educativas, aspectos sociais, morais e éticos essenciais para o desenvolvimento dos sujeitos em sociedade. No campo da sexualidade, a escola, como ambiente de apreensão e produção de saberes na prática da convivência coletiva, apresenta-se como o espaço onde afloram as questões da sexualidade, tendo em vista as descobertas e curiosidades trazidas pelas/os estudantes através de comportamentos e atitudes

diversas. Desse modo, a abordagem acerca da sexualidade passa a integrar-se às atribuições escolares de forma imperativa em suas ações educativas, uma vez que os sujeitos que a compõem encontram-se, muitas vezes, em processos de descobertas de prazeres e desejos. Por outro lado, a escola apresenta grandes dificuldades em estabelecer relações sociais positivas com os sujeitos LGBTQ+, uma vez que tem se configurado como um espaço de produção e reprodução das diferenças hierarquizadas e desiguais, tendo como base a binaridade do gênero, reafirmando, assim, as relações sociais e sexuais hegemônicas, especialmente, no âmbito das questões de gênero e da orientação sexual. (JOCA, 2009 p.102)

Considerar uma prática educativa significa direcionar o olhar à escola e aos sujeitos que a constituem, entendendo também as crianças como parte do todo, logo, tratando das questões de gênero e sexualidade no espaço escolar e estabelecendo elos estreitos com os demais espaços sociais. A abordagem da sexualidade no espaço escolar envolve não apenas os saberes sistematizados, mas também os adquiridos na formação individual e coletiva de cada pessoa envolvida no processo, considerando os valores sociais e culturais de suas experiências de vida. O projeto Tenda Azul Frida Kahlo foi pensado para a abordagem sobre gênero e sexualidade junto às crianças, considerando a urgência de desenvolver vivências pedagógicas feministas para possibilitar problematizações sobre violências de gênero e descobertas cotidianas sobre os corpos, a arte e os sentimentos. Considerando uma turma de quatro a seis anos de idade, essas discussões foram estabelecidas diante do brincar, do movimento dos corpos.

Por esses e outros motivos, para que esse trabalho faça sentido é preciso, antes de tudo, reconhecer que meu corpo adulto não é melhor e nem sabe mais que os corpos das crianças que fizeram parte do projeto, prossigo com a escrita apresentando as falas das crianças e dizendo, junto com elas, como as vivências pedagógicas com perspectivas feministas contribuíram para problematizações sobre violências de gênero. Destaco que o projeto Tenda Azul Frida Kahlo teve duração de três meses e registrarei aqui apenas parte das atividades e uma parcela curta dos diálogos que foram estabelecidos durante esse período, resguardando as identidades reais das crianças e utilizando de nomes fictícios que foram escolhidos para homenagear algumas pessoas que considero importantes na luta por direitos das mulheres e da comunidade LGBTQ+ e merecem ter seus nomes lembrados aqui. Escolhi esses nomes com o cuidado de representar uma pequena parcela de algumas das incontáveis identidades de gênero: Alexandre Martins Joca, Anderson Herzer, Brenda Lee, Caio Fernando Abreu, Cazuzza, Cibelly Pâmela, Dandara dos Santos, Josephine Baker, Laerte, Linn da

Quebrada, Luis Palhano Loiola, Madame Satã, Marielle Franco, Marsha P. Johnson, Rosely Roth, Telma Lipp e Vinícius Lucas de Carvalho são nomes que, para mim, representam a luta diária de corpos LGBTQ+ pelo direito de aparecer.

### **Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?**

Esse título faz referência ao livro de Sandra Branco, lançado no ano de 2008, pela editora Cortez. O livro, destinado ao público infantil, apresenta uma discussão sobre estereótipos de gênero em um texto sensível que propõe reflexões sobre falas cotidianas que são repletas de preconceitos e violências de gênero, por exemplo, a afirmação de que meninas precisam ser cuidadas por meninos que, pelo fato de serem meninos, são mais corajosos. Muitas atividades foram pensadas a partir da leitura coletiva desse livro com as crianças, que tinham entre quatro e seis anos de idade. Uma parte marcante para as crianças, após a leitura do livro da Sandra Branco, foi a questão dos tamanhos dos pés e suas diferenças, diante disso, a proposta foi que as crianças desenhassem, usando como molde o formato dos próprios pés, e pintassem, colorindo e enfeitando seus próprios desenhos, mas sem colocar nomes como identificação direta nas folhas.

Os desenhos foram misturados e espalhados em pontos específicos da escola, na porta do refeitório, na entrada da quadra esportiva, na sala da direção da escola, no estacionamento e no jardim, o propósito foi estimular a caça aos pés. As crianças corriam pela escola em busca de algum dos pés desenhados, quando encontravam, o combinado era chamar toda a turma e conversar sobre a descoberta: De quem era aquele pé? É possível identificar se um pé é de menina ou de menino? Onde esse pé foi encontrado? Quem são as pessoas que frequentam esse lugar? Um dos pés foi encontrado na entrada do refeitório, as crianças correram pela escola no festejo de encontrar um de seus desenhos, chamaram todas as outras crianças e nos sentamos no chão para conversar. Com essas provocações, surgiram alguns diálogos, fragmentos do meu diário de campo que serão apresentados a seguir:

- Quem pode me dizer de quem é esse pé?

Rosely Roth: - Não dá pra saber, mas eu acho que é da Marielle Franco, foi ela que pintou de vermelho.

- E esse espaço, o refeitório, quem são as pessoas que frequentam aqui?

Anderson Herzer: - Todo mundo! A hora do recreio é aqui primeiro, a gente come e depois brinca.

- E quem são as pessoas que trabalham aqui, Anderson, você as conhece?

Anderson Herzer: - Sim, tem três moças.  
- São só mulheres que trabalham na cozinha da escola?  
Todas respondem juntas: - Sim!  
- E por qual motivo será que homens não estão trabalhando também aqui nessa cozinha?  
Linn: - As mulheres que sabem cozinhar! As mulheres cozinham e cuidam de bebês e os homens bebem cerveja e jogam futebol.  
Nesse momento eu considerei importante que as próprias crianças conversassem entre elas por um tempo.  
Laerte: - Não é verdade, na minha casa meu pai também faz papá.  
Cazuza: - Na minha casa quem faz papá é minha irmã e minha mãe, mas as vezes meu pai ajuda um pouco.  
Telma Lipp: - Não é verdade mesmo, minha avó é menina e gosta muito de cerveja!  
- Sim, eu também concordo que fazer “papá” deve ser uma atividade de todas as pessoas, já que o “papá” é feito para cuidar e alimentar a família toda. Vamos continuar pensando, porque será que aqui na escola, nas nossas casas e em muitos restaurantes quem trabalha na cozinha são mulheres? Enquanto isso, vamos correr e procurar mais pés por aí!

Entendo que é importante deixar que as crianças expressem o que elas pensam e consideram dos mundos em que vivem, não faz parte do que acredito enquanto educadora apresentar uma questão já concluída, busco realizar nas vivências pedagógicas mediações que propõem despertar o interesse e o pensar por si próprios. O próximo desenho foi encontrado na entrada da quadra de esportes:

Marsha: - Esse pé aqui pode ser de menino ou de menina, né? Todo mundo gosta de jogar!  
Brenda Lee: - É, mas só os meninos jogam futebol.  
Telma Lipp: - Não, Brenda, tem menina que também gosta de futebol!  
Cazuza: - Lá em casa minha irmã brinca de futebol comigo.

As crianças se apropriam do conhecimento social que lhes foi apresentado pela rotina de um mundo adulto, mas é muito simples como elas vão se questionando e entendendo, por meio de curtas mediações, que muitos estereótipos não fazem sentido, elas constroem as suas relações com o mundo para além das nossas percepções adultocentradas. “As crianças não são aprendizes, mas construtoras de realidade” (COCEVER, 2004, p. 180) e penso ser uma insistência de quem educa proporcionar espaços em que elas possam construir um pensamento crítico sobre todo conhecimento social apresentado a elas. A brincadeira de encontrar pela escola os pés desenhados por elas continuou e seguiram-se muitos diálogos, falamos sobre diversas atividades que são executadas por mulheres e homens na escola, espaços que são frequentados por todas as crianças e não conseguimos definir, em momento algum, qual pé era de menina ou de menino. Ao retornar para sala de aula e encerrar a

atividade, conversamos sobre o que as crianças consideraram da brincadeira, eu sempre reservava um tempo para as conversas finais e foi nesse momento que Marsha, uma criança de cinco anos de idade levantou e apresentou sua fala: “- Hoje eu aprendi que meninas e meninos podem ir juntos onde quiserem na escola.”

A atividade da Caça aos Pés proporcionou-nos pensar em uma sequência pedagógica para dar continuidade nas questões que foram apresentadas pelas próprias crianças. Assim, providenciei alguns brinquedos que foram fundamentais: bonecas de pano, brancas e pretas, roupas para as bonecas, fogõezinhos, panelas, massinhas de modelar e fôrmas. A proposta foi de que todas as crianças se organizassem para cuidar dos bebês, isso incluía também usar as massinhas, as fôrmas e os fogões para cozinhar. Ao encontrar os brinquedos e conhecerem a proposta da brincadeira alguns diálogos surgiram:

Loiola: - Ah, mas eu que não vou ficar cuidando de bonequinha nenhuma! Sai fora, isso é coisa de menina.

Joca: - Eu vou cuidar sim, minha prima deixa eu brincar com ela, eu sou papai e ela é a mamãe das bonecas dela, eu brinco muito disso já.

Linn: - Eu nunca brinquei de fogãozinho, lá em casa tem, mas fica no quarto da minha irmã e meu pai não deixa.

Passado um tempo, eu questioneei o Loiola: -Ah, que pena, sua boneca ficou jogada no chão e está bem triste por não ter carinho. Se você mudar de ideia, faz um bolinho para ela.

Ao perceber o empenho dos outros meninos com as bonecas, logo Loiola deu jeitinho de buscar a boneca e cuidar. O que percebi foi que a brincadeira despertou mais o interesse dos meninos do que das meninas, os meninos queriam comandar o fogãozinho, um deles não queria deixar ninguém manipular o forno, dizia que era o responsável e que as outras crianças podiam fazer os bolinhos e deixar para ele assar. O entusiasmo dos meninos dizia muito sobre a novidade da brincadeira para eles, brincadeiras que as meninas já estavam até cansadas pelo fato de brincarem diariamente. É urgente pensar em como as brincadeiras e os brinquedos que oferecemos para as crianças contribuem para manutenção do sistema de gênero e do machismo. Meninos não brincam de fazer comidinha e cuidar de bebês por não gostarem, eles não brincam por não terem oportunidades, enquanto a maioria dos brinquedos oferecidos para as meninas fazem parte de uma espécie de treinamento para servir e não proporcionam a liberdade de criar e construir.

**Ela transformava lágrimas em sorrisos**

Chegou o dia de apresentar Frida Kahlo para as crianças, minha expectativa era grande, fiquei imaginando quais seriam minhas referências de mulheres importantes se houvesse conhecido a história de Frida ainda criança. Escolhi um retrato de Frida e separei outros materiais que consegui com seu rosto estampado, além disso, imprimi algumas obras e dois livros para contar história: Frida, por Jonah Winter, ilustrado por Ana Juan e o livro Frida Kahlo para meninas e meninos, escrito por Nadia Fink e Pitu Saá, lançado em 2015, pela editora Sur Livro, em uma coleção maravilhosa intitulada Coleção Antiprinças.

Por que sempre que nos falamos de história, nos contamos sobre mulheres e homens “importantes”? Importantes como as princesas tão bem vestidas que não podem sair para brincar e se sujar? Ou importantes como os super-heróis e seus superpoderes que estão tão longe da gente? Algo assim, mas não: quando aqui dizemos “importantes”, estamos falando de quem se sujou para crescer e se divertir, de quem não ficou esperando sentado e de quem também usou superpoderes, mas outros: ter a coragem de fazer algo mais, procurar entender o mundo de outra maneira, saltar obstáculos e deixar uma obra que está além de qualquer tempo. Assim, começamos a tecer estes livros, pequenos ou grandes percursos de desenhos e palavras, para contar histórias que merecem ser contadas. Neste caso, a de Frida Kahlo. (FINK, 2015, p.3)

Apresentar para as crianças outra perspectiva de superpoderes abriu espaço para muitos diálogos, principalmente ao conhecerem a figura de Frida, uma mulher que não correspondeu aos padrões de gênero e se apresentava, na leitura das crianças, com bigodes. A história ia sendo contada e os olhos grudavam, a cada minuto mais atentos, nas imagens, parecia exatamente o que era: uma história completamente nova e diferente daquelas que as crianças ouviam na escola, uma história real, de uma mulher que tinha a cor da pele mais parecida com as delas e muito diferente das referências europeias de princesas inalcançáveis, era fácil perceber que toda essa novidade causava estranhamento e encantamento ao mesmo tempo. Frida despertava, naquele momento, uma imensa possibilidade de falar sobre os corpos, os sentimentos, sobre medos e coragens, dor e determinação, sobre deficiências, sobre arte e América Latina. Nesse dia começamos muito bem, não foi preciso muito tempo até que Marsha, uma criança de quatro anos, fizesse a leitura mais simples e grandiosa de Frida: “Então ela transformava lágrimas em sorrisos?”

Certamente Frida transformava lágrimas em sorrisos e ainda o faz, são referências como ela que transformam lágrimas também em coragens, em forças, em lutas e alegrias todos os dias. A leitura quase imediata que uma criança de quatro anos fez da figura de Frida

reforçou, para mim, a importância de se apresentar na escola as histórias que se aproximam da realidade das crianças, e, com essa intenção, continuei a conversa pedindo que as crianças pudessem apresentar histórias de mulheres que são importantes na vida delas: Quem são as mulheres que fazem parte dos mundos de vocês? Quem são as mulheres que vocês conhecem e se parecem com Frida?

Para Elina Elias Macedo (2016) as culturas infantis não se constroem no vazio, elas são um dos componentes da totalidade estando em relação direta com o que é produzido pelos jovens, adultos e velhos. As crianças estão no mundo e não em um mundo à parte. Compreender o que as crianças têm a dizer é considerar cada um dos mundos em que elas vivem, isso significa relacionar suas histórias e afetividades com o que é proposto em uma atividade pedagógica. Por esse motivo, ouvir as histórias das mulheres que fazem parte de seus mundos possibilitou maior envolvimento no processo.

As crianças constroem as suas relações para além das percepções adultocentradas, pensando nisso e buscando falar sobre sentimentos, propusemos que elas se inspirassem em algumas obras de Frida Kahlo que estavam expostas no espaço da Tenda Azul. A proposta foi que elas pudessem caminhar e observar cada obra, depois nos sentamos em roda e começamos um jogo: com uma bola de pano jogada de uma criança para outra, surgiam palavras que representavam, para elas, o que seriam sentimentos, assim seguindo: saudade, tristeza, amor, “ligria”, dor, abraço, carinho, amor... A partir disso, a proposta foi de que cada uma falasse sobre as obras que observaram e dissesse quais as percepções que tiveram.

Josephine: - Ela morava na casa de portão azul e pintava esses quadros de lá.

Cibelly: - Ela sofreu um acidente de ônibus e ficou na cadeira de rodas, ela colocou um espelho na frente para ela ver o como tava e pintar.

Dandara: Ela teve que ficar na cama pintando o que ela tava sentindo, por isso cada quadro é de um jeito.

Uma das obras de Frida chamou muita atenção das crianças, “O veado ferido”, de 1946, a pintura retrata a cabeça de Frida em um corpo de um veado ferido por flechas. Os comentários das crianças sobre essa obra:

Caio Fernando: - Ela tá com arco e flecha no corpo, devia tá sentindo muita dor quando pintou.

Madame Satã: - Ela não conseguiu correr das flechas, né?

Linn: - Ela tava sentindo muita dor, tinha flechas nela e isso machuca.

Esta atividade nos direcionou para dialogar também sobre os cuidados com o corpo, conversar sobre deficiências corporais, sobre como Frida se cuidava enquanto permanecia na cama impossibilitada de andar, assim como a obra “Autorretrato com cabelo cortado”, de 1940, possibilitou questionar os padrões de príncipe/princesa e conhecer diferentes formas de feminilidades e masculinidades.

## **O Reflexo de Frida**

Posso dizer que os espelhos que ocupavam as paredes da Tenda Azul foi o que mais encantou as crianças que frequentavam aquele espaço, nos espelhos refletiam-se as fitas de cetim, cada pedaço de tecido coberto por lantejoulas, cada flor que enfeitavam os cabelos e era de frente pra eles que as crianças passavam as horas, se montando, se pintando, dançando, ouvindo histórias e, literalmente, refletindo seus corpos e toda aquela experimentação de liberdade e pés descalços. Eram dois espelhos bem grandes, na verdade um deles nem tão grande assim, mas imenso para refletir tanta transformação de um espaço que antes era só cinza e cheio de carteiras amontoadas. Tudo que construímos permaneceu naquele espaço que os espelhos refletiam, o chão, todo coberto de papel grosso, agora refletia uma infinidade de desenhos que foram coloridos ao longo das atividades educativas, os trabalhos que foram feitos em outros papéis estavam todos pregados em um varal que improvisei por ali, as obras de arte construídas com massinhas, feitas de farinha de trigo barata e corante de alimentos, estavam lindas, apoiadas em uma mesinha de canto onde ficavam também os livros. Tudo refletia uma luz bonita, mas brilhava ainda mais quando havia movimentos naquele espaço, crianças correndo, fazendo barulho, balançando os tecidos, existia um tecido azul escuro, desses bem fortes. Era coberto de lantejoulas e, para mim, não existia reflexo mais bonito do que quando uma criança se enrolava nele e dançava em frente ao espelho. Enquanto escrevo, consigo revisitar todas essas lembranças, emociono-me com a lembrança dos reflexos, dos sorrisos, das alegrias produzidas coletivamente. As lembranças mais fortes talvez sejam do último dia de atividades, antes daquele espaço ser desmontado, foi o dia de refletir e desenhar e se montar como Frida. As crianças já tinham costume de usar as diversas fantasias que estavam sempre disponíveis por ali, mas nesse dia seria diferente, a proposta era que elas pudessem brincar de ser Frida!

Assim como Frida usava o espelho para produzir seus autorretratos, as crianças também fizeram. Sentaram-se todas no chão (os espelhos, assim como todos os outros objetos do espaço, ficavam ao alcance delas, e isso faz parte da construção de um espaço de autonomia para as crianças) e olhando seus próprios reflexos, fizeram seus autorretratos. Como elas se percebiam no mundo? Como elas imaginavam que seriam seus corpos? Como elas desenhavam os sentimentos? Como aqueles meses de atividades com perspectivas feministas contribuíram para a forma como aquelas crianças se apresentavam diante dos espelhos? Sempre vou me lembrar de um determinado momento em que um dos meninos da turma estava procurando um lápis de cor “cor de pele” e, após um curto questionamento sobre o que seria cor de pele, ele saiu experimentando todas as cores, comparando junto de sua pele até encontrar a que mais se aproximou e, com certeza, não era aquele lápis sem graça, rosa clarinho quase bege que ainda insistem em chamar de cor de pele. Pele de quem? Dessa criança que não era, e ela teve certeza disso naquele momento.

Todo esse processo de se desenhar caminhou para o momento de se montar como Frida, o tempo era curto, essas atividades eram realizadas uma vez por semana no tempo de uma aula apenas, quase uma hora, e, por esse motivo, construí em casa tiaras de flores pra cada uma das crianças, seria melhor elas mesmas terem construído seus acessórios, mas nosso tempo era limitado e alguns planejamentos tiveram que ser adaptados. Além das tiaras de flores, representando as flores que Frida sempre usava para enfeitar os cabelos, haviam os tecidos e as maquiagens, e assim as crianças foram se montando de Frida, transformando tudo que aprenderam sobre aquela mulher em representações nas próprias peles e, para encerrar, fizemos pequenas gravações com falas das próprias crianças sobre o que ficou da artista latino-americana, feminista, bissexual e ativista na vida de cada uma delas. Um dos diálogos que ficaram registrados nesse pequeno vídeo expressou bastante do que um dos meninos entendeu sobre Frida, Vinícius, de quatro anos de idade, sempre se destacou, era um dos meninos mais empolgados da turma, estava sempre disposto para realizar as atividades, nesse dia ele desejou muito se maquiar, a princípio ele usou um batom de cor bem clarinha e, enquanto gravávamos o vídeo, ele viu em minha mão um batom de cor vermelha, bem forte, mais que rápido ele o pegou, passou e repassou bastante nos lábios e, na sequência, afirmou: “- Agora sim, estou igual ela (Frida)!”

Escrever sobre essas atividades é também encarar de frente que uma escrita acadêmica não dá conta da grandiosidade que é a experiência da criança, ainda que eu reconheça a

limitação de entender, a partir de um corpo adulto em uma sociedade adultocentrada, as leituras de mundos das crianças, não consigo transcrevê-las com tamanha propriedade. Dessa forma, essa escrita vem como um importante exercício de registrar essas atividades como inspirações para práticas educativas feministas.

### **Antes de mais nada, o amor por aqui é tudo.**

Para finalizar esse processo de escrita, o qual é parte de reflexões que continuarão permeando meus dias na busca constante pelo movimento de educar e por entender como minhas pequenas ações podem contribuir para transformações de mundos, escolhi a frase “Antes de mais nada, o amor por aqui é tudo.” Inspirada em Frida Kahlo, esta frase esteve presente no espaço da Tenda Azul em um quadrinho pintado à mão por mim e exposto na parede como uma afirmação diária e insistente, não de um amor romântico, mas um amor que busca compor-se com as diferenças e contribuir para que crianças possam ser quem elas quiserem, um amor que busca contribuir para que essas mesmas crianças possam falar de seus corpos e seus sentimentos, confiando em uma educação que seja para liberdade e não para manutenção de um sistema que oprime e impede seus corpos de aparecerem como realmente são.

Pego-me pensando em como seria minha vida se tivesse, aos quatro anos de idade, conhecido Frida Kahlo e sua referência de mulher latino-americana que transformava lágrimas em sorrisos, que lutava por liberdade e não tinha medo da dor e do sofrimento. Talvez o que ficou disso tudo foi a vontade de ser criança e vivenciar essa experiência, mas é em um corpo adulto que venho me transformando em Frida todos os dias e fazendo de cada violência um impulso para transformação. E quem sabe já não sou Frida? Educar é desejar!

### **Referências**

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas. Notas para uma teoria performativa de assembleia*. 2018.

FINK, Nádia. *Frida Kahlo. Para meninas e meninos*. 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2005.

HOOKS. Bell. *Ensinando a Transgredir. A educação como prática de liberdade*. 2013.

JOCA, Alexandre Martins. A escola e o trato com a sexualidade na formação educacional da juventude.

LOIOLA, Luís Palhano. Coisas difíceis de dizer: as manifestações homofóbicas do cotidiano dos jovens.

MACEDO, Elina Elias. Crianças pequeninhas e a luta de classes. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? Ciência e Cultura. São Paulo, n.28, v.12, p. 1467, 1976.

SOUZA, Ellen Gonzaga de Lima. Percepções de infância de crianças negras por professoras de Educação Infantil. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

WINTER, Jonah. Frida. 2002